

As tramas dos textos e dos têxteis: Uma experiência com a literatura e a arte

The wefts of texts and textiles: An
experience with literature and art

Las tramas de textos y textilis: Una
experiencia con la literatura y el arte

Izandra Alves¹

Viviane Diehl²

Letícia Lazzari³

1 Doutora, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz. lattes: <http://lattes.cnpq.br/2162221571302635> orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6063-3753>. email: izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br

2 Doutora, educadorartista em Artes/Cerâmica nos cursos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz. lattes: <http://lattes.cnpq.br/3362993760927367> . orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2042-1393>. email: viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

3 Mestre, professora particular de Inglês e revisora/tradutora de textos (PT – EN, EN – PT). Egressa da Universidade de Caxias do Sul (UCS). lattes: <http://lattes.cnpq.br/5923324207769520>. orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7866-2560>. email: letilazzari@gmail.com.

RESUMO

A arte e literatura se conectam na experiência descrita neste trabalho com o intuito de tecer relações entre os textos e os têxteis. Essas conexões foram costuradas via ação dos projetos de extensão “Experiências de leitura compartilhadas” e “Artistando, ceramicando e muito mais”, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz, em parceria com a biblioteca Pedro Hahn e as escolas municipais de Feliz/RS. O objetivo consiste em mobilizar a experiência estética, por meio da educação literária e da arte, nas proposições teórico-práticas que nutrem significativamente a vida. As oficinas estético-pedagógicas foram planejadas coletivamente e desenvolvidas com cinquenta estudantes de duas escolas municipais, os quais vivenciaram aspectos da criação inventiva. Tal processo se deu através de memórias e histórias que se conectaram e produziram experiências significativas, associando literatura e arte.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura; Arte; Têxteis.

ABSTRACT

Art and literature are connected in the experience described in this work to build relationships between weaving texts and textiles. These relationships were sewn through the action of the extension projects “Experiences of shared reading” and “Artisting, making ceramics and a lot more”, from Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz, in partnership with Pedro Hahn library and the municipal schools of Feliz/RS. The aim is to mobilize the aesthetic experience through literary education and art in theoretical-practical propositions that significantly nourish life. The aesthetic and pedagogical workshops were collectively planned and carried out with fifty students from two municipal schools, who experienced aspects of the inventive creation. This process took place through memories and stories which have connected and produced significant experiences, associating literature and art.

KEY-WORDS

Literature; Art; Textiles.

RESUMEN

El arte y la literatura se relacionan en este trabajo de la misma manera que hay relación entre los textos y los textiles. Esta aproximación fué organizada por los proyectos “Experiências de leitura compartilhadas” e “Artistando, ceramicando e muito mais”, del Instituto Federal de Educação, Ciência y Tecnologia del Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz, con la biblioteca Pedro Hahn y las escuelas municipales de Feliz/RS. Los encuentros estético-pedagógicos foran planeados en equipo y desarrollados con cincuenta estudiantes de dos escuelas, que hicieran distintas actividades de creación y invención. Este proceso recuperó histórias y memórias que contribuyeron para vivencias significativas con la literatura y el arte.

PALABRAS-CLAVE

Literatura; Arte; Textilis.

Introdução

A palavra escrita e sua forma reveladora de significados possibilita a imersão em um universo linguístico do qual, infelizmente, nem todos têm acesso. Da mesma forma, muitas pessoas não alcançam a arte e sua provocação questionadora que, quando acessada, possibilita a elaboração de sentidos e significados potencializadores, que ampliam o ingresso neste universo da narrativa, da poesia, da arte e do encontro de si consigo mesmo.

O espaço escolar é, por natureza, o local onde as possibilidades criadoras e inventivas deveriam ser estimuladas com maior ênfase; porém, incrivelmente, isso não acontece, na grande maioria das vezes. São muitos os motivos pelos quais arte e literatura vêm, ao longo do tempo, perdendo espaço nas famigeradas grades curriculares das escolas. A ampliação de disciplinas de áreas técnicas nos currículos escolares e a diminuição de outras, por muitos denominadas inúteis, é feita atendendo a demandas de uma sociedade voltada ao neoliberalismo e à formação de mão de obra barata. É neste sentido, então, que a escola adota, muitas vezes sem nem perceber, posturas e ideias utilitaristas de ensino-aprendizagem.

Por conta disso, é necessário trazer à discussão as ideias do pesquisador italiano Nuccio Ordine (2016), que diz que é nas sutilezas das atividades consideradas supérfluas, desnecessárias e inúteis que se pode encontrar sentido para as ações e, talvez, alguma felicidade em realizá-las e vivenciá-las. Tratam-se de atividades como, por exemplo, ouvir atentamente uma canção, dançar, ler um conto, um poema, um romance ou visitar - mesmo que on-line - um museu de arte ou, ainda, perfurar panos com agulhas, com fios e linhas, tramando conexões de ideias a partir de leituras e urdiduras. Por que não proporcionar estes momentos no espaço escolar, que é o lugar onde devem coexistir as multiplicidades de vozes, de pensamentos, de possibilidades?

E por que não reverberar e produzir um entre-lugar na escola, onde a arte possa estar presente e dar a ver os aspectos intrínsecos a ela que potencializam o ensino e aprendizagem? Como escreve Farina,

há uma dimensão pedagógica que vive na arte. A capacidade de afetar e mudar, de algum modo, a nós que nos colocamos em relação e ela denuncia isso. A dimensão pedagógica das práticas estéticas atuais interfere em nossa percepção, em nosso corpo e em nossas formas de entender o que nos acontece. Porém, não nos diz o que deveríamos fazer, as formas de ser que deveríamos adotar ou que rumo tomar a partir de tais interferências (2008, p. 103).

É no contexto educativo que vamos fazendo escolhas e construindo os modos de educar com arte. A arte é provocativa, a arte faz perguntas e, segundo Eisner (2008, p. 10), possibilita “agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” e nos permite conhecer de outros modos que

não cabem limitados ao que é unicamente expresso nas palavras ou nas imagens. A multiplicidade expressiva das linguagens nos coloca em relação para conhecer.

Do mesmo modo que se discute o potencial pedagógico da arte na escola, é potente, também, a discussão em torno da educação literária neste espaço. Família e sociedade são grandes responsáveis por oportunizar momentos e situações de leitura para crianças e adolescentes, mas é na escola que se fortalece este vínculo, pois a grande maioria dos estudantes não tem acesso a textos literários fora do ambiente escolar.

É neste contexto, então, que destaca-se a prática de manualidades têxteis na escola como possibilidade de conexão com textos literários e textos visuais da arte, para além de distintas gerações, cada um com sua individualidade e subjetividade, valendo-se da experiência com os saberes da ancestralidade representados pela figura da bordadeira. Assim, transpondo a barreira do fazer escolar com o único propósito utilitarista que visa resultado imediatista, abre-se espaço para o fazer, o criar e o recriar através da manualidade, do movimento repetitivo do tecer que permite fluir o pensamento e abre a porta das memórias e dos afetos.

A crença nas tramas e nos fios que unem arte e literatura se estende na experiência descrita neste trabalho: a relação que existe entre tecer os textos e os têxteis vem de nossa ancestralidade e traduz quem somos e para onde vamos. Dessa forma, essas relações foram costuradas via ação dos projetos de extensão “Experiências de leitura compartilhadas”⁴ e “Artistando, ceramicando e muito mais”⁵, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Feliz*, em parceria com a biblioteca Pedro Hahn e as escolas municipais de Feliz/RS. O envolvimento da bibliotecária e das instituições de ensino com o planejamento e o desenvolvimento dos encontros foi fundamental para a construção dos laços entre as redes federal e municipal, além de evidenciar o espaço biblioteca - tanto a pública municipal quanto a escolar - como guardião de histórias e memórias que estão à disposição e à espera de leitores.

Oficinas pensadas com o coletivo foram, então, desenvolvidas com cinquenta estudantes de duas escolas municipais e, durante três encontros, memórias e histórias se conectaram a possibilidades e experiências educativas e significativas. As personagens resgatadas e recriadas em diferentes contextos, bem como o contato com a arte manual dos têxteis, entrelaçaram possibilidades de diálogo com saberes da ancestralidade, tão importantes para a construção das subjetividades.

4 Projeto submetido ao Edital IFRS nº 57/2020 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2021/2022 e aprovado sob o número Sigproj 365874.2034.164570.2603202.

5 Projeto submetido ao Edital IFRS nº 13/2022 – Auxílio Institucional à Extensão 2022 – Edital Unificado e aprovado sob o número Sigproj 377543.2034.166185.02032022.

Desenvolvimento

Em artigo publicado com o título “Bordado e costura do texto”, a pesquisadora Tamara Kamenszain (2000) explica que as mulheres, os bordados e os textos mantêm íntima relação. A voz e o silêncio, da mesma forma que as palavras ditas ou escritas, são companheiros e elementos constitutivos das tramas individuais que compõem a coletividade do ser feminino. O cuidado para com o detalhe, o falar à boca pequena, o cochichar e, por vezes, apenas o sussurro são formas reveladoras do quão importante é a tradição artesanal e milenar da palavra; da narrativa oral que, por muitas vezes, acompanha os movimentos do ponto que perfura o pano e da palavra que adentra o interior de cada um e retorna trazendo afetos, memórias e histórias.

Por acreditar nessa importante relação entre os próprios saberes femininos relacionados ao narrar, ao criar e ao traçar o percurso das palavras que compõem a vida, bordadeiras da comunidade foram convidadas a participar das oficinas com os estudantes das escolas. Com eles, compartilharam textos verbais e não verbais, histórias orais de cunho popular, escritas de clássicos da literatura e artes visuais que trazem o bordado, o tecer e o costurar como importantes elementos constitutivos das narrativas (Figura 1).



Figura 1: Caixa (Por)Tátil, equipamento didático-pedagógico da proposta, 2021. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

O diálogo do processo criativo com a produção artística visual de Leonilson, Arthur Bispo do Rosário (Figura 2) e Rosana Paulino proporcionaram relações que se inscreveram nas diversificadas materialidades têxteis, na potencialidade expressiva da linguagem visual, num contínuo fluxo diante da vida, onde a produção de arte contemporânea reverbera para que se tenha conhecimento da “potência que o pensamento contaminado pela arte pode instaurar” (LOPONTE, 2012, p. 6).



ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

MANTO DA APRESENTAÇÃO. Título atribuído: [Manto da apresentação].
Dimensões: 118,5x141,2x7 cm. Técnica: Costura, bordado, escrita.
Fonte: <https://museubispodorosario.com/acervo/manto/>



Bispo decidiu trancar-se por sete anos numa das casas da Colônia Juliana Moreira para, com agulha e linha, bordar a escrita de seus estandartes e fragmentos de tecido. As linhas azuis, do fluxo dos ventos uniformes dos interiores, e objetos tais como canicas, pedaços de madeiras, arame, sarracura, papélio, fios de varal, garrafas e materiais diversos que ele obtinha em refugos na Colônia.

Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, incluído em um manicômio e consagrado, ao sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir de sua obra, a ressignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do júlio final. Sua missão chegou ao fim aos 80 anos, no dia 5 julho de 1989, dia de sua morte.

Figura 2: Material pedagógico do artista Arthur Bispo do Rosário para a oficina, produzido pelas pesquisadoras, 2021. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

O encontro dos saberes da ancestralidade com os saberes acadêmicos são oportunizados por meio da proposição estético-pedagógica e da participação como geradoras de conhecimento ao movimentar as experimentações nas relações operadas com a arte e a literatura, promovendo a interação e a aproximação de textos e têxteis (DIEHL, 2020). As ações propositivas convidam os participantes a interagirem, a exercerem a criação, a atribuírem e ampliarem significados e sentidos do vivido, nesse entre-lugar habitado pela arte e pela literatura. Para além de um lugar demarcado por fronteiras, constitui-se um processo educativo singular e, ao mesmo tempo, compartilhado.

Para tanto, a proposição de uma educação estético-pedagógica é apresentada como um processo que privilegia a experiência ampliada da percepção a partir da arte e da literatura, no contexto cultural onde atuam os participantes. Essa proposta estimula a atitude criadora que, por sua vez, movimenta sentidos e significados produzidos nos acontecimentos vividos. Desse modo, constitui-se um processo de ensino e aprendizagem e criam-se realidades interculturais.

A proposição das oficinas que é apresentada no projeto constitui-se em um lugar de vínculos para o aprender juntos, a partir do diálogo, da escuta e de outras formas de comunicar (Figuras 3 e 4). A interação entre os participantes movimenta a produção nas experiências e nos acontecimentos onde os saberes são produzidos e compartilhados sem hierarquia, para ampliar os modos de compreensão do vivido e oportunizar a experiência artística e estética na construção do conhecimento (DIEHL, 2020).



Figuras 3 e 4: Registro fotográfico dos momentos das oficinas nas experimentações com textos e têxteis, 2021. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

A prática de oficina/atelier, com implicações no âmbito do fazer, emprega elementos com potencial educativo nas proposições proporcionadas pela arte e pela literatura. Não é uma prática solitária, mas em cooperação, fundada no diálogo e na experimentação. Cada um pode se perceber participador nas condições que são

proporcionadas coletivamente, com especial atenção para o sensorial, o afetivo, o criativo, o investigativo e o fazer prático.

Assim, os encontros partiram da retomada de histórias da mitologia, com Penélope e Ariadne e, com elas, foram sendo fiadas várias teias com personagens da literatura juvenil, como *A moça tecelã*, de Marina Colassanti; de personagens icônicas sul-rio-grandenses de Érico Veríssimo, como Bibiana e Ana Terra; e de obras contemporâneas distópicas, como as mulheres de *O conto da Aia* e *Os testamentos*, de Margaret Atwood, além de textos visuais de artistas brasileiros, como o *Manto da Apresentação*, de Artur Bispo do Rosário; e *a Aranha*, de Louise Bourgeois, que fortaleceram a urdidura da trama. O contato com textos verbais, não verbais ou mistos, poéticos, narrativos, impressos ou acessados via *smartphones* permitiu o trânsito dos estudantes por ícones, hipertextos e *hiperlinks* a espaços como museus, exposições e instalações (Figuras 5 e 6).



Figuras 5 e 6: Imagens fotográficas da leitura dos textos pelos estudantes na oficina, 2021. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Do percurso pelos textos e o que cada um despertou nos jovens leitores, as tramas expandiram para os fios e as linhas, e as conexões, até então do pensamento,

foram representadas concretamente através de bordados em um pedaço de tecido. Cada estudante recebeu seu pano, agulha e linhas para que pudesse tecer o que, para ele, foi significativo das leituras textuais e visuais que realizaram (Figuras 7 e 8).



Figuras 7 e 8: Registro fotográfico de momentos da oficina “Tecendo o têxtil e o texto”, 2022. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

A partir do movimento que a teia da experiência mobilizou em cada estudante, a provocação do tecer foi lançada e, cada um, ao seu modo e tempo, perfurou o

pano, conduziu o fio e entrelaçou o ponto para dar a conhecer sua expressão e deixar fluir tramas entre textos e têxteis da arte e da literatura.

Algumas de nossas conclusões

A proposição e a participação mobilizaram interesses coletivos e produziram aproximações que tornaram-se significativas quando os estudantes se permitiram a liberdade de experimentar arte e literatura, escrituras e têxteis. As relações dos textos literários e textos visuais com as práticas do fazer foram produzidas na tessitura coletiva; no desfazer, ponto a ponto, os trabalhos já, há muito, tecidos por outros, e que, agora, através da escuta, da observação e da percepção atentas puderam ser reavaliados, repensados e, fio a fio, reconstruídos, para que novas conexões pudessem ser estabelecidas. Na expansão da sensorialidade, instauraram-se experiências estéticas, artísticas e literárias com interação poética.

Destaca-se, também, como altamente relevante, a presença da figura mãe-bordadeira-tecelã, que acompanhou as oficinas com os adolescentes. A conexão entre os textos lidos, os fios e o pano que seria perfurado perpassa, inevitavelmente, pela mulher que se fez presente no grupo. Assim, as escolhas que eram feitas antes de registrar suas impressões no tecido pareciam ser referendadas pela assistência da mulher-presença, representante da arte ancestral que estava sendo recuperada na escola, este contexto legitimado para o conhecimento acadêmico que, naquele momento, se abria para uma experiência significativa de aprendizagem.

Por este motivo, a educação literária na escola, em diálogo com a arte que resgata os saberes têxteis, oportunizou a ampliação das conexões desses adolescentes que vivem na era da ubiquidade e são, na maioria das vezes, leitores ubíquos, pois leem QR Codes enquanto passeiam, escutam *podcasts* ao exercitarem-se, enfim, são leitores em movimento. Contudo, essa atividade exigiu a parada, a pausa, o silenciamento. Por isso, deixaram seus *smartphones* de lado por algumas horas e seus dedos não digitaram nem clicaram, mas, sim, fizeram-se canais que firmaram a agulha em seu trajeto de perfurar o tecido e coser, que formaram letras, textos e produziram imagens. Alguns sem saber como nem por onde começar; outros, com alguma habilidade, foram timidamente descobrindo e aprendendo, ao mesmo tempo em que compartilhavam os processos com os colegas e conversavam sobre os limites e as possibilidades vivenciadas. De certo modo, este se revelou um enfrentamento que tecer o texto e o têxtil impõe a quem a eles se coloca como aprendiz.

Nesse sentido, os fios e as lãs e as linhas e as tramas e as rocas e as máquinas e as agulhas que compõem nossa história desde a ancestralidade apontam que as conexões estão dentro de nós mesmos. O movimento, aparentemente repetitivo que fazemos ao perpassar o pano com a agulha, forma o ponto, que unido a outro ponto tece os textos de nossa vida e eles nunca são iguais. São os dedos canais que se revelam passagem para o que está na ordem do íntimo vir a tornar-se superfície

acessível. Juntos, eles trazem à tona a narrativa de nossa história individual que é, ao mesmo tempo, a história de uma coletividade.

Somos todos um pouco Penélopes nesta vida. Estamos sempre à espera. Expectando e acreditando no amor e na normalidade que, algum dia, regressará. Sim! Tecemos durante o dia, diante dos olhos dos que vigiam e ditam a direção que temos que dar à linha, no pano da vida que bordamos. À noite, quando a guarda baixa a vigilância, desfazemos nossas tramas e, assim, protelamos decisões e ganhamos mais tempo, sempre tão, tão caro a nós. Somos, também, inteligentes Ariadnes que, com fios de ouro, garantimos a saída de nossos Teseus dos infinitos labirintos onde precisam adentrar e lutar com os Minotauros do dia a dia. Somos deusas Moiras que fiamos vida e morte ao afetar o futuro da humanidade que está em nossas ações diárias. Somos Ananses, as aranhas contadoras de histórias da tradição dos povos africanos, que fazem teias até o céu em busca de histórias, mas que, ao descer da escada, caímos, quebramos a cabeça e espalhamos tudo o que lá fomos buscar.

Ao contar esses relatos, desenrolamos os fios que estão presos dentro de nós mesmos e nossas histórias tornam-se ainda melhores. Somos, ainda, tantas Anas Terra e Bibianas que, na roca, fiamos e fiamos e fiamos, por gerações, as histórias de nossos antepassados através do resgate de lutas, de memórias, de afetos e de histórias que não se podem perder no tempo, nem no vento. Das personagens distópicas de Margaret Atwood, somos as que, mesmo em Gilead, mantêm o fio da vida no limite entre o real e o inimaginável; lutamos, insistentemente, para não nos desprendermos da tênue linha que mantém nossa humanidade.

E, por fim, como moças tecelãs, iguais às de Colassanti, queremos tecer o bordado mais bonito, incluindo em nossas vidas o novo, de outros modos, porque acreditamos que irão somar-se à nossa felicidade. Porém, ao nos descobrirmos traídos em nós mesmos, em nossos gostos e vontades, em nossa simplicidade de afetos, mesmo que doa, que machuque, desfazemos esse bordado, porque só assim voltamos à nossa essência.

Assim como o escritor une letra a letra, palavra a palavra na sua criação do texto, da mesma forma, os artistas e artesãos dos têxteis fazem ponto a ponto a trama, a costura, a urdidura que se transforma em uma escritura visual, um objeto metalinguístico, uma herança, uma peça-ritual que, esteticamente, nos desperta, levanta e desafia os sentidos como experimentaram os estudantes participantes. Tecendo o texto e tecendo o têxtil, somos os guardiões da teia de saberes e fazeres, em processo e continuamente, construindo conhecimento de nós mesmos, do outro e do mundo.

Referências

DIEHL, Viviane. **Educação propositora**: experiências de educadorartistas. Curitiba: CRV, 2020.

EISNER, E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem fronteiras, 2008, 8 (2), p. 5-17.

FARINA, C. Formação estética e estética da formação. In: Fritzen, C., Moreira, J. (orgs.). **Educação e arte**: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papyrus, 2008. (p. 95-108).

KAMENSZAIN, Tamara. **Bordado y costura del texto. Historias de amor (y otros ensayos sobre poesía)**. Buenos Aires: Paidós, 2000. (p. 207-211).

LOPONTE, Luciana G. **Desafios da arte contemporânea para a educação**: práticas e políticas. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 2012. 20 (42). Disponível em <<http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1125/1025>>. Acesso em 20 fev. 2021.

ORDINE. Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Submissão: 25/10/2022

Aprovação: 08/12/2022